

CAPOEIRA: A HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE UM PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL

CAPOEIRA: THE HISTORY AND TRAJECTORY OF A CULTURAL PATRIMONY OF BRAZIL

Ricardo Martins Porto Lussac*
Manoel José Gomes Tubino**

RESUMO

Este artigo narra a história e trajetória da capoeira, que em julho de 2008 foi reconhecida pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - como patrimônio cultural imaterial do Brasil, através do registro das *rodas de capoeira* no Livro das Formas de Expressão e do *Ofício dos Mestres de Capoeira* no Livro dos Saberes. A origem da capoeira ainda é uma incógnita, mas é sabido que ela se desenvolveu em solo brasileiro desde o período do Brasil Colonial. Sua prática como uma característica predominantemente urbana esteve presente de modo particular no Rio de Janeiro e em algumas metrópoles brasileiras, geralmente cidades portuárias. Presente em vários momentos políticos e sociais do País, sofreu forte repressão com o advento da República, e ainda grandes transformações com o intenso processo de esportivização e institucionalização, acompanhado pela expansão de sua prática no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: Esporte. Cultura. História.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo narrar a trajetória de um patrimônio cultural imaterial do Brasil: a capoeira. Para atingir esse intento, os tópicos mais relevantes foram abordados por meio de um olhar sobre a história secular da arte-luta brasileira, investigando-a desde sua origem até os tempos atuais. Procurou-se compor o cenário do desenvolvimento da capoeira durante toda a sua existência, desde a sua verificação em fatos históricos. No entanto, é necessário compreender que a capoeira, como luta ou jogo, não operou nem se manifestou da mesma forma durante todo o período e em todas as regiões onde era encontrada a sua prática. Inserida no contexto social, cultural, político e econômico do Brasil, a capoeira dialogou com o ambiente em que habitava e com as respectivas mudanças nos cenários regionais e nacional ao longo do tempo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa tem um enfoque histórico. Foi utilizada como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica e documental, tendo-se realizado revisão de literatura e análise qualitativa das fontes que foram interpretadas durante a investigação. Diversas fontes bibliográficas foram utilizadas como pressuposto teórico, devido à abrangência histórica da pesquisa. Os marcos temporais abarcam o período compreendido entre o descobrimento do Brasil e os dias atuais - 1500 a 2009 - e a delimitação espacial abrangeu o território brasileiro. Cumpre ressaltar que o presente estudo não pretendeu abordar possíveis hipóteses da origem africana de matrizes que vieram a compor a expressão que, no início do século XIX, no Rio de Janeiro, passou a ser conhecida e definida como capoeira.

* Mestrando em Ciência da Motricidade Humana (PROCIMH) - LABESPORTE - Universidade Castelo Branco - RJ, Brasil; Mestre em Capoeira (Mestre Teco - RJ) e Integrante do Conselho de Mestres da Federação de Capoeira do Estado do Rio de Janeiro (FCERJ); Professor da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

** Presidente da Federation Internationale D'Education Physique (FIEP); Professor Doutor docente do PROCIMH - LABESPORTE - Universidade Castelo Branco - RJ, Brasil; Professor Pesquisador da UNISUAM - RJ, Brasil.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A origem da capoeira ainda é uma incógnita e tem sido investigada por pesquisadores de diferentes áreas, mais recentemente: Assunção (2005) e Soares (1999, 2002), da História; Lopes (2002), da Administração e Jornalismo; Passos Neto (2001), da Comunicação; Araújo (2005a, 2005) e Lussac (2004), da Educação Física; Vieira (2003a, 2003b, 2003c, 2005), da Sociologia, entre outros. Há diversas hipóteses despertando várias interpretações e discursos, tendenciosos ou não, de diferentes grupos, gerando algumas vezes mitos, meias-verdades e controvérsias. Na maioria das vezes, tais discursos tentam fortalecer os interesses e a sustentação de uma criação apaixonada ou idealizada por determinados grupos com interesses próprios (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998).

Há discussões e diferentes posições dos pesquisadores quanto às interpretações etimológicas da palavra capoeira e do próprio termo e seu emprego, as quais são encontradas em documentos a partir do final do século XVI. A capoeira, enquanto prática corporal, começou a ser documentada na primeira década do século XIX no Rio de Janeiro, designando também seu praticante. Antes disso, é possível encontrar a generalização do vocábulo capoeira para designar tanto o praticante do jogo-luta como também malfeitores, ladrões e bandidos de toda ordem (ARAÚJO, 2005b). Por este motivo, pesquisas sobre a capoeira em períodos anteriores ao século XIX tornam-se difíceis. De todo modo, é possível crer na possibilidade da prática da capoeira como luta-jogo ao final do século XVIII no Rio de Janeiro, embora as referências (ARAÚJO, 1898; CAVALCANTI, 2004; EDMUNDO, 1940) que existem sobre este período não possam corroborar esta afirmação com rigor metodológico-científico.

Gradativamente a presença da capoeira é constatada nos registros policiais e processos jurídicos após 1808, pois com a chegada da Corte Portuguesa, D. João VI criou a *Intendência Geral de Polícia da Corte do Estado do Brasil*, iniciando grandes modificações no sistema policial (SOARES, 2002). Vale, porém, destacar que não estes documentos oficiais não foram os únicos a registrar a capoeira. Os viajantes estrangeiros - que após a vinda da família real visitaram terras brasileiras - são importantes fontes para a

reconstituição dos costumes da sociedade naquele período. Cabe ao artista Rugendas (1998), durante sua visita ao Brasil, a primeira descrição mais detalhada da capoeira, tanto de modo textual como por meio de gravura (Figura 1).

Ao longo do século XIX a capoeira se desenvolveu rapidamente no meio urbano. No início daquele século, de acordo com Soares (2002), na cidade do Rio de Janeiro, a maioria dos capoeiras eram escravos e africanos, mas segundo Rocha (2002, p. 12), Antônio Moraes da Silva cita a “Luta da Capoeira” como praticada por negros, mestiços e índios no Brasil, em sua obra “Dicionário da Língua Portuguesa”, editada em Lisboa em 1813, indicando a possibilidade de a capoeira ser praticada nesse período não somente por negros, mas também por mestiços e índios.

No decorrer da primeira metade do século XIX este quadro muda, e no final deste período há uma presença cada vez maior de livres e libertos, crioulos, pardos e até imigrantes europeus, incluindo cativos nascidos no Brasil (SOARES, 2002, p. 124). Na segunda metade do século XIX, de acordo com Soares (1999, 2002), a capoeira já era praticada por diferentes tipos sociais: escravos, livres, libertos, africanos, descendentes de africanos, militares, portugueses, imigrantes europeus e, inclusive, membros da elite social. Vale lembrar que, nesse período, a capoeira carioca fazia parte da cultura da classe trabalhadora, visto que grande parte dos detidos por capoeira eram trabalhadores (SOARES, 1999, 2002), fato semelhante ao que também acontecia na região metropolitana da Bahia (PIRES, 2004) e na cidade de Belém, no Estado do Pará (LEAL, 2005, p. 260), ao final do século XIX e primeiras décadas do século XX.

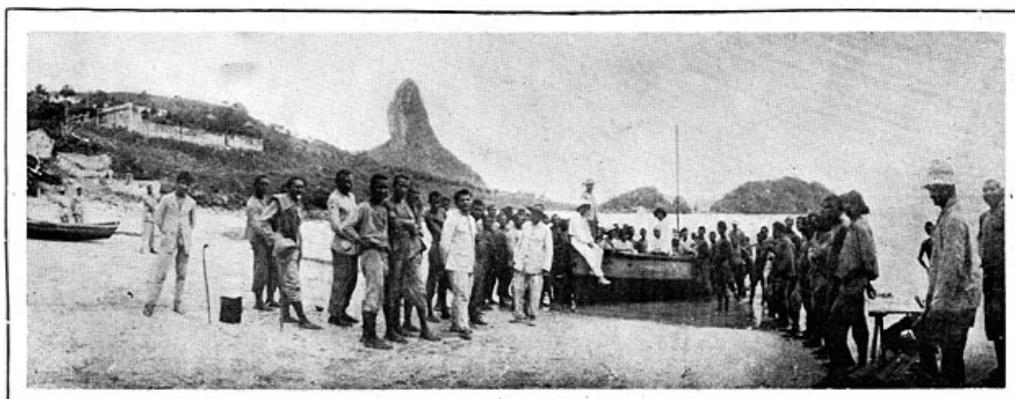


Figura 1 - Jogar Capoeira ou danse de la guerre, 1821-1825 (RUGENDAS, 1998).

Por volta do segundo quartel do século XIX e início do XX, podemos verificar documentos e evidências que apontam o surgimento da capoeira em outros Estados do Brasil: na Bahia (ABREU, 2005; PIRES, 2004), na região metropolitana de Pernambuco (ARAÚJO, 2005b; ARAÚJO; JAQUEIRA, 2004; OLIVEIRA, 1971), na cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão (ARAÚJO; JAQUEIRA, 2004; DA COSTA, 2006, p. 3-26), na cidade de Belém no Estado do Pará (LEAL, 2005; LOPES, 2002), na cidade de São Paulo (VIEIRA, 1995) e em cidades do interior do Estado de São Paulo (ARAÚJO, 2004). Presente em vários momentos político-sociais do país, inclusive na Guerra do Paraguai, a capoeira vai ganhando destaque nas manchetes dos jornais. Ao mesmo tempo em que crescia o seu envolvimento com a polícia e políticos de diferentes posições e interesses, em um jogo de influência e poder, também crescia o medo e a submissão social às maltas de capoeira e suas façanhas violentas ao fio das navalhas e das cabeçadas e pernadas. Diferentes grupos políticos utilizaram a capoeira como um meio violento de imprimir suas estratégias. Este fato muda com a Proclamação da República, quando se propôs um novo rumo para a política nacional e, conseqüente e principalmente, para a capital. Novos eram os ideais, projetos, interesses, posicionamentos e atitudes do novo governo, e a capoeira seria um dos principais alvos iniciais de repressão, sendo buscada a sua extinção, tanto que a prática da capoeiragem em ruas e praças públicas foi proibida pelo Código Penal de 1890 (BRETAS, 1989; DIAS, 2001; SOARES, 1999).

O processo de repressão à capoeira no Rio de Janeiro, devido à expressão do fenômeno capoeira naquela cidade, não pode ser comparado diretamente com o de outros polos metropolitanos onde havia a prática da capoeira na época, como Recife, Belém, São Paulo, Salvador e possivelmente outros. Cada cidade ou região onde havia a prática da capoeira deve ser analisada de forma singular, mas não estanque e isolada em relação aos outros centros onde se manifestava esta expressão. Um fato característico é a constatação da ocorrência da capoeira em regiões portuárias e de grande circulação de pessoas e mercadorias, como os portos das cidades do Rio de Janeiro, Recife, Salvador e Belém, e a cidade de São Paulo, por ser uma das principais “portas de entrada” para o interior do Brasil, centralizadora de rotas e de escoamento de produtos e mercadorias.

A campanha de combate à capoeira no Rio de Janeiro foi implacável e arbitraria. Sampaio Ferraz, chefe de polícia do então Distrito Federal, recebeu carta branca do Marechal Deodoro para tal campanha, e uma de suas práticas foi a deportação em massa de capoeiras para o presídio da Ilha de Fernando de Noronha. Ao final do século XIX, a capoeira do Rio de Janeiro não havia sido exterminada, mas as maltas sim. A complexa relação entre os capoeiras, políticos e polícia foi desfeita, ao mesmo tempo em que mudanças profundas no comportamento popular e na ocupação do espaço urbano pelo carioca também propiciaram essa nova situação. A capoeira carioca não seria mais a mesma, nunca mais voltaria a ter a projeção que obteve na política do Império (BRETAS, 1989; DIAS, 2001; SOARES, 1999).



Detentos correcionaes durante o trabalho

Figura 2 - Detentos correcionais durante o trabalho em Fernando de Noronha.

Fonte: Revista O Cruzeiro, 2 ago. 1930.

Desmanteladas as maltas da Capital da República, os capoeiras, agora sem uma identidade de grupo como tinham antes, seguiram outros caminhos e outras formas de sobrevivência e relações de interação entre si e entre os demais grupos da sociedade. Vários capoeiras foram seduzidos como cabos eleitorais, capangas, ajudantes de polícia e também como militares (DIAS, 2001; LUSSAC, 2004; NORONHA, 2003). Muitos possivelmente refizeram a vida em cidades como Salvador, na Bahia, onde a prática da capoeira também era denominada *vadiagem* (PIRES, 2004, p. 36), em locais como Botucatu, no Estado de São Paulo (ARAÚJO, 2004, p. 375), ou ainda no Maranhão, onde a prática da capoeira também era conhecida como *jogo capoeira* ou *carioca* (VAZ apud DA COSTA, 2006, p. 3-2.6) e em Belém do Pará, aproveitando a riqueza do ciclo da borracha amazônica, onde seus praticantes também eram conhecidos como *jogadores da carioca* (LEAL, 2005, p. 265). Pela denominação *carioca*, tanto da prática como do praticante em outros lugares do Brasil, é especulada a influência da capoeira do Rio de Janeiro na origem desta expressão nestes locais e possivelmente em outros.



Figura 3 - O Calço ou a Rasteira

Fonte: Kalixto (1906).

Alguns capoeiras se refugiaram mantendo laços, como antes, com o Estado e o poder. Uns seguiram como salteadores, enquanto outros vieram a compor a nata da malandragem, bem diversificada, continuando assim a prática da capoeira, como bambas, mas de modo diferenciado. Vale lembrar que nem todos os considerados malandros eram capoeiristas, ou seja, nem todos obtinham o conhecimento da

capoeiragem. É neste momento que o capoeira carioca se recolhe, se recata, ficando escondido e fazendo a fama tão conhecida do “malandro de terno branco que nunca se suja” e que não gosta de estar em evidência na maioria das vezes, até porque a prática da capoeira nas ruas era considerada crime, como dito anteriormente. A figura do malandro só podia ter aparecido no Rio, “em um certo Rio”, existindo em uma geografia específica, numa época que vai do nascimento da metrópole moderna brasileira, do fim do século XIX e dos primeiros anos do século XX, até o Brasil do Estado Novo, no mundo da Segunda Grande Guerra. Neste período, a capoeira estava inserida no meio da malandragem, do malandro, sendo um dos caminhos percorridos pela arte-luta no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX (LUSSAC, 2004; NORONHA, 2003).

Como já dito, a capoeira era uma cultura e conhecimento corporal presente em parte da população da cidade do Rio de Janeiro antes do século XX. Parte dos que obtinham o conhecimento sobre a capoeiragem eram trabalhadores. Deste modo, é possível entender que a capoeira no início do século XX no Rio de Janeiro também estava presente entre trabalhadores e outros populares que não eram denominados ou caracterizados como malandros nem viviam no submundo destes personagens.

Outro caminho é uma vertente oposta à da malandragem, ramificada em uma parcela da elite social ou em grupos próximos a esta, a qual tentou criar uma capoeira esportiva, uma prática nacional, de origem brasileira, de ginástica corporal e/ou defesa pessoal de acordo com os preceitos da época, resgatando a capoeira do caminho maligno e impuro do submundo da malandragem (LUSSAC, 2004).



Figura 4 – A Lamparina.

Fonte: Kalixto (1906).

Desde o final do século XIX, alguns intelectuais da época, observando o viés positivo da prática da capoeira sob um olhar patriótico e acompanhando o movimento inicial de esportivização e institucionalização dos esportes e jogos pelo mundo, defendiam esta como uma ginástica e luta nacional, de origem brasileira, que deveria ser incentivada como prática regrada e aproveitada nos meios militares e na formação física dos jovens. Embora se possam encontrar referências no início do século XX que abordavam a capoeira de diferentes formas (CAMPOS, 1906; BARRETO, 1908), pode-se afirmar que o marco da iniciativa mais expressiva em promover a luta brasileira como esporte, defesa pessoal e ginástica foi a publicação da obra *O Guia do Capoeira ou Ginástica Brasileira* (OFEREÇO, DEDICO E CONSAGRO, 1907). Esta publicação foi seguida pela de Zuma, Aníbal Burlamaqui (1928) - *Ginástica Nacional (Capoeiragem) - metodizada e regrada* - considerada um aperfeiçoamento e extensão da primeira. A publicação da obra de Zuma reacendeu mais vivamente um movimento da prática da capoeira como esporte-luta, sendo provavelmente esta uma influência para alguns personagens da história da capoeira começarem uma empreitada por mudanças na prática da arte-luta. No Rio de Janeiro podemos constatar principalmente o trabalho de Sinhozinho, que treinou jovens de Ipanema, como Tom Jobim, Rudolf Hermann, Luiz Aguiar - o *Cirandinha*, Paulo Amaral, Neyder Alves - o *Copacabana*, os irmãos Pettezzoni, entre muitos outros. A publicação da obra de Zuma, o trabalho de Sinhozinho e suas respectivas repercussões teriam influenciado Mestre Bimba a criar a sua Luta Regional Baiana na Bahia, mais tarde conhecida como Capoeira Regional (LOPES, 2002; LUSSAC, 2004). O próprio nome *Regional* teria sido dado em oposição ao *Nacional*, utilizado para a denominação da prática esportiva da capoeira no Rio de Janeiro naquele período, no intuito de se desvincular da carga pejorativa que o termo capoeira ainda carregava, e assim obter uma melhor aceitação. As mudanças advindas da criação da Luta Regional Baiana na Bahia por Mestre Bimba geraram um novo movimento de capoeiristas naquela região, onde iriam denominar a capoeira praticada por eles como

Capoeira Angola (LUSSAC, 2004), influenciados por pesquisadores da época que, por sua vez, pautaram seus estudos em autores que afirmavam um exclusivismo banto na formação étnica brasileira (ARAÚJO; JAQUEIRA, 2004). Este movimento seria uma oposição às mudanças na capoeira realizadas por Bimba, somadas às reivindicações socioculturais e identitárias de seus praticantes. Tanto a Capoeira Regional como a Capoeira Angola mais tarde viriam a compor grande parte das matrizes irradiadoras da capoeira pelo Brasil e pelo mundo. Um dos fatores que impulsionaram a irradiação da capoeira baiana para fora da Bahia, conquistando novas fronteiras, foi seu caráter lúdico. O jogo-brinquedo da capoeira ao som da charanga de instrumentos, tendo o exótico berimbau como motor principal, contrastava com a violenta capoeira que era praticada em outros lugares do Brasil, sem o acompanhamento musical específico, prevalecendo o aspecto bélico da luta (LUSSAC, 2004). O que muitos não sabem é que o berimbau nem sempre acompanhou a capoeira. Antigamente ele era utilizado por ambulantes, vendedores e outras expressões culturais. Foi somente no início do século XX que tal instrumento musical foi incorporado à capoeira da Bahia (ABREU, 2005, p. 59; ARAÚJO, 2002, p. 111).



Figura 5 - Alunos da Capoeira de Sinhozinho: Rudolf Hermann aplica *Quarenta e Um Dobrado* em Quim - Rio de Janeiro, 1951

Fonte: Lopes (2002, p. 140).

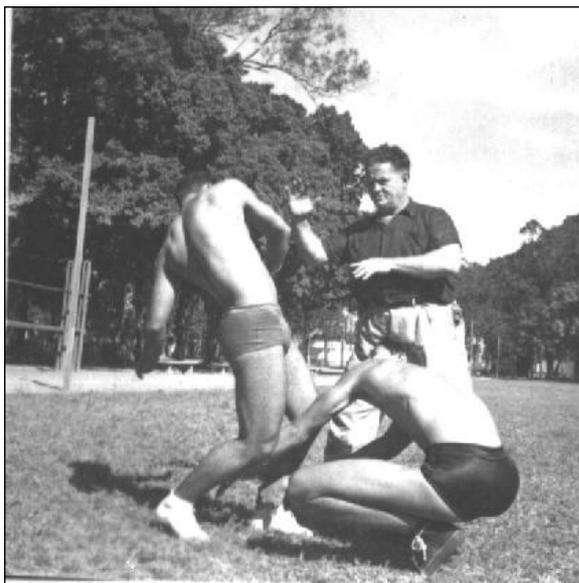


Figura 6 - Sinhozinho explicando uma técnica a Quim e Rudolf Hermann - Rio de Janeiro, 1951

Fonte: Lopes (2002, p. 140).

Das três cidades onde havia a maior incidência da capoeiragem - Rio de Janeiro, Recife e Salvador - esta última foi a que a prática sofreu uma repressão em menor escala, tanto no aspecto temporal quanto no de intensidade (LUSSAC, 2004; PASSOS NETO, 2001). A região metropolitana de Pernambuco, Estado brasileiro com um passado historicamente opositor ao poder institucional, também viria provar uma intensa repressão aos praticantes da capoeira. A capoeira pernambucana deixou seu legado nos passos do frevo (OLIVEIRA, 1971). Já em Belém, onde os capoeiras mantinham um laço estreito com o Boi-Bumbá, expressão cultural típica da região amazônica, a capoeiragem também sofreu certa repressão, que dialogava com os interesses políticos e eleitorais, semelhantemente ao Rio de Janeiro. Inclusive, o poder institucional da capital do Pará, cidade que vivenciava a riqueza do ciclo da borracha amazônica, mantinha outra semelhança com a capital do País, ao reproduzir o discurso de urbanização e modernização provinda do Rio de Janeiro e, conseqüentemente, a repressão a certas práticas das camadas populares, chegando a deportar alguns capoeiras para o Amapá (LEAL, 2005).

No Rio de Janeiro, ao final da primeira metade do século XX, Inezil Penna Marinho publica *Subsídios para o estudo da metodologia*

do treinamento da capoeiragem (1945), sendo a última obra específica da metodologia da capoeira carioca, com a intenção de revitalizar a arte-luta. Inezil dedicou essa obra aos capoeiras do Brasil, em especial a Zuma e ao “velho Sinhozinho”, por tanto estarem trabalhando para que a capoeiragem não desaparecesse. Até meados da década de 1980, Inezil Penna Marinho (1981) tentou implantar o projeto *Ginástica Brasileira*, claramente inspirado no movimento e nas obras já citadas, mas o período dos métodos de ginástica já havia passado e tal ideia não obteve êxito, apesar de ter ajudado a divulgar a capoeira.

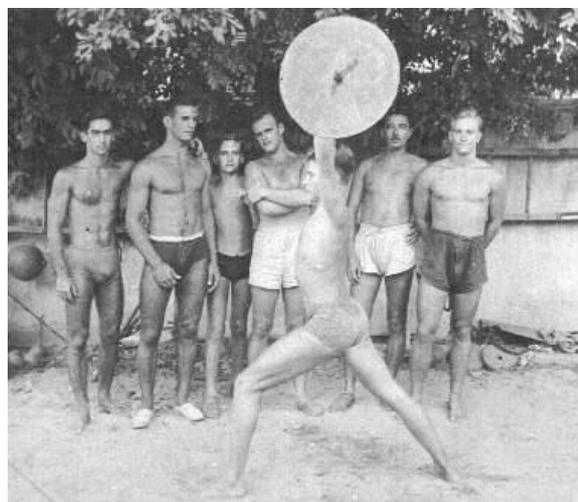


Figura 7 - Levantando peso, ainda na adolescência, está Tom Jobim, um dos maiores compositores e representantes da música brasileira. Observam: Carlos Madeira, Paulo Amaral, Rudolf Hermann, Haroldo C. Silva, Flávio Vitamina e Bube Assinger, todos alunos de Sinhozinho - Ipanema, Rio de Janeiro, 1945.

Fonte: Lopes (2002, p. 204).

Podem-se encontrar ao longo das primeiras décadas do século XX, obras escritas para promover a capoeira como esporte, luta, defesa pessoal e ginástica, como visto anteriormente, e como parte do folclore brasileiro (CARNEIRO, 1937; QUERINO, 1938, 1946; RODRIGUES, 1932). Após 1950, a capoeira carioca começou a sofrer modificações, devido à nova conjuntura sociopolítica e cultural, a que se somaram a introdução da capoeira da Bahia por baianos radicados no Rio, a quase-extinção do tipo social do capoeira carioca, o falecimento de Sinhozinho em 1962 e a descontinuidade de seu

trabalho por parte de seus aprendizes. Traços da capoeira carioca acabaram sendo incorporados por alguns praticantes da capoeira no Rio de Janeiro, que então a aprendiam com baianos radicados no Rio. Esta capoeira que veio da Bahia acabou dialogando com a cultura local, assim como aconteceu nas demais regiões do Brasil (LUSSAC, 2004).

A trajetória da capoeira carioca na primeira metade do século XX, período em que as mudanças na capital do País impuseram não apenas um processo de esportivização e de institucionalização das práticas corporais e esportivas, mas também uma repressão às práticas culturais e populares consideradas bárbaras (MELO, 2007), entre elas a capoeira, ainda não está totalmente desvendada e necessita de investigações mais profundas, apesar de já existirem alguns estudos sobre o assunto nesse período, como os trabalhos de Dias (2001), Ferreira (2007), Lopes (2002), Lussac (2004), Tonini (2008), entre outros. Tópicos como a participação de capoeiras nos enfrentamentos de populares contra o poder institucional na “Revolta da Vacina”, a relação dos capoeiras e outras expressões culturais populares com o esporte e a política, assim como aspectos da legislação pertinente e correlata desse período, ainda merecem mais pesquisas.

Sabe-se que, além de fazer parte do submundo da malandragem carioca, como já visto antes, a capoeira era praticada de modo esportivo, como ginástica, luta e defesa pessoal por militares, em quartéis e esquadras, por cidadãos comuns e por jovens da classe média e da elite social carioca, sendo o Sinhozinho o seu maior expoente e treinador. Outro aspecto desse período que já foi muito estudado é a influência dos intelectuais, que, apoiados pela política populista da época, intencionada em reformular a ideia de identidade nacional, valorizaram as manifestações populares e culturais, entre elas a capoeira, resgatando-as como matrizes culturais genuinamente brasileiras (LUSSAC, 2004; VIEIRA, 1995).

Já o período do desenvolvimento da capoeira no Rio de Janeiro e em outros estados do Brasil na segunda metade do século XX é muito interessante e complexo, sendo raras as pesquisas que abordam especificamente esse

tema e período e as possíveis influências das décadas anteriores, como, por exemplo, as da capoeira de Sinhô no Rio de Janeiro. Podem-se citar algumas obras que abordam, ainda que de forma incipiente, o desenvolvimento da capoeira na época: Lopes (2002), Lussac (2004) e Reis (1997). Similarmente, encontramos em outras regiões do Brasil a intensa institucionalização da capoeira e mais no final do mesmo século, a intensificação das discussões em vários aspectos relativos à capoeira: filosóficos, culturais, históricos, étnicos, profissionais, institucionais, tecnológicos, entre outros, inclusive a própria práxis. A história contemporânea da capoeira na cidade do Rio de Janeiro, como também no Brasil e no mundo, ainda está por ser pesquisada e melhor compreendida. Talvez por ser um período da história cuja memória é próxima, o foco dos estudos acadêmicos ainda não foi direcionado para ele; mas como o ser humano sempre procura buscar as suas raízes, para conhecer ou reforçar sua identidade e memória, é notória, no âmbito da capoeira, a busca contemporânea pela sua história. Isto também se deve à grande expansão da capoeira em vários setores e pelos cinco continentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capoeira é um componente importante da história e da cultura do Brasil e do Rio de Janeiro, e sofreu influências não só das mudanças institucionais, principalmente no âmbito esportivo e da Educação Física, mas também de uma mudança na conjuntura político-social advinda da modernidade que modificou o cenário brasileiro no século XX, afetando as camadas populares e conseqüentemente as suas manifestações, hábitos e cultura (DIAS, 2001; FERNANDES, 2001; KESSEL, 2001; NORONHA, 2003).

De acordo com Lussac (2004), atualmente a capoeira é praticada em vários países e vem ganhando cada vez mais espaço e abordagens no meio acadêmico, sendo considerável o crescimento de pesquisas relativas a esta arte-luta. Não obstante, essas pesquisas ainda são poucas diante da vastidão de seu potencial para o esporte e a educação brasileira e, principalmente, do seu intrínseco relacionamento com a história e a cultura do

Brasil. A capoeira, de origem brasileira, hoje incentivada, protegida e amparada por lei federal, é considerada uma das práticas esportivas mais complexas e completas da humanidade (BRASIL, 1988). Em 2008 foi reconhecida pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - como patrimônio cultural imaterial do Brasil, através do registro das *Rodas de Capoeira* no Livro das Formas de Expressão e do *Ofício dos Mestres de Capoeira* no Livro dos Saberes, e certamente o seu próximo passo é ser candidata a patrimônio da humanidade pela Unesco. Já foi reconhecida por ministros e adidos como a verdadeira embaixadora de nosso país no exterior, pelo número de praticantes em todas as partes do mundo e por ser um meio potencial de expansão da língua portuguesa e dos hábitos, da cultura e do folclore do Brasil. Mas esta arte-luta ainda é pouco compreendida pela sociedade brasileira, e, por ser de origem nacional, poderia ser mais estudada pelo meio acadêmico brasileiro, assim como acontece em outros países em relação às suas expressões esportivo-culturais: com o judô no Japão, o kung-fu na China, o tae-kwon-dô nas Coreias, o savaté na França, entre outros (LUSSAC, 2004).

A capoeira como manifestação artística, atividade sociocultural e prática corporal, esportiva, educacional e de lazer hodierna, inserida no cenário e no contexto da modernidade, oferece uma práxis única e peculiar que, mesclada com a herança sócio-histórica e cultural que traz consigo, proporciona ricas oportunidades de pesquisa e emprego, tendo uma grande vantagem dentro da realidade brasileira, pois sua prática requer

baixíssimos recursos financeiros e materiais. Outras características são seus aspectos multifacetados e polivalentes, pois a capoeira é compreendida como arte, dança, cultura, luta, arte marcial, jogo, esporte, música, folclore e filosofia. Essa polivalência faz com que seja possível trabalhar amplos aspectos, como jogo, esporte, artesanato, música, história, entre outros (CAMPOS, 1998; LUSSAC, 2004).

O registro da capoeira como patrimônio cultural imaterial do Brasil pelo IPHAN possivelmente levantará antigas e novas discussões no campo da capoeira. São pontos que certamente estarão em pauta nas discussões: o conceito dinâmico da cultura em que hoje está inserida a capoeira, que também sempre foi uma de suas características; a questão dos estilos e tipos da práxis da capoeira e seus respectivos modos de manutenção; o sistema de ensino-aprendizagem, que tramita tanto no campo cultural como no mercadológico e dialoga com novas ideias, tendências, estudos, avanços tecnológicos e com o ofício profissional, que por sua vez encontra pontos de embate com a regulamentação da Educação Física, com a exigência do mercado e com a afirmação da liderança dentro de grupos sociais da capoeira.

Ademais, o registro no IPHAN poderá abrir outras portas e perspectivas para a capoeira e respectivos praticantes. Espera-se que as ações desse órgão e de outros não priorizem o enfoque de suas ações em determinados grupos ou regiões, pois a capoeira sempre esteve presente em várias localidades do Brasil, dialogando com diferentes culturas.

CAPOEIRA: THE HISTORY AND TRAJECTORY OF A CULTURAL PATRIMONY OF BRAZIL

ABSTRACT

This article reports the history and trajectory of capoeira, which was recognized as Immaterial Cultural Patrimony of Brazil on July 2008 by IPHAN - The National Institute of Historic and Artistic Patrimony -, through the register of Rodas of Capoeira in the Book of Forms of Expression and of Art of Capoeira Masters in the Book of Knowledges. The origin of the capoeira has still been an incognito, but it is known that its development occurred in Brazilian ground since the Colonial period. Its practice as a predominantly urban characteristic was present mainly in Rio de Janeiro and some Brazilian metropolises, usually port cities. Present in several Brazilian political and social events, it suffered strong repression with the advent of the Republic, and also great transformations in the intense process of "sportivization" and institutionalization, followed by the expansion of its practice in Brazil and in the world.

Keywords: Sport. Culture. History.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Frederico José de. **Capoeiras – Bahia, séc. XIX:** imaginário e documentação. Salvador: Instituto Jair Moura, 2005. v. 1.
- ARAÚJO MAYNARD, Alceu. **Folclore nacional II:** danças, recreação e música. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ARAÚJO, Elísio. **Estudo histórico sobre a Polícia da Capital Federal de 1808 a 1831.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.
- ARAÚJO, Paulo Coêlho de. **Capoeira:** novos estudos – abordagens sócio-antropológicas. Juiz de Fora: Notas & Letras, 2005a.
- ARAÚJO, Paulo Coêlho de. **Capoeira:** um nome – uma origem. Juiz de Fora: Notas & Letras, 2005b.
- ARAÚJO, Paulo Coêlho de. O revivalismo africano e suas implicações para a prática da capoeira. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Rio de Janeiro, ano 1, no 1, p. 107-116, 2002.
- ARAÚJO, Paulo Coêlho de; JAQUEIRA, Ana Rosa Fachardo. A luta da capoeira: reflexões acerca de sua origem. **Revista Ação & Movimento**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 148-156, jul./ago. 2004.
- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. **Capoeira:** the history of an Afro-Brazilian Martial Art. Oxin: Routledge, 2005.
- BARRETO, Paulo João do Rio. **A alma encantadora das ruas.** Rio de Janeiro: Garnier, 1908.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF, 1988.
- BRETAS, Marcos Luiz. Navalhas e capoeiras: uma outra queda. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, n. 59, nov. 1989. Disponível em <<http://www.portalcapoeira.com/Publicacoes-e-Artigos/capoeiras-e-capoeiristas>>. Acesso em: 10 abr. 2009.
- BURLAMAQUI, Annibal. **Gynastica Nacional (Capoeiragem):** methodizada e regrada. Rio de Janeiro, 1928.
- CAMPOS, Hélio (Mestre Xaréu). **Capoeira na escola.** 1. ed. Salvador: Ed. da Universidade Federal da Bahia, 1998.
- CAMPOS, Lima. A capoeira. **Revista Kosmos**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 62, mar. 1906. Disponível em: <<http://www.capoeira-palmares.fr/histor/kosmos.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2009.
- CAMPOS, Lima. Capoeira, esgrima de olhos. **Revista Kosmos**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 3, p. 191-194, 1906.
- CARNEIRO, Edison. **Negros Bantus:** notas de etnografia religiosa e de folclore. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 147-165.
- CAVALCANTI, Nireu Oliveira. **Crônicas históricas do Rio Colonial.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- DA COSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do esporte no Brasil.** Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.
- “DETENTOS correcionaes durante o trabalho” em Fernando de Noronha. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 2 ago. 1930.
- DIAS, Luiz Sergio. **Quem tem medo da Capoeira? Rio de Janeiro 1890-1904.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 2001. v. 1. Coleção Memória Carioca.
- EDMUNDO, Luís. **O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis.** 2. ed. Rio de Janeiro: Athena, 1940.
- FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **Escolas de samba:** sujeitos celebrantes e objetos celebrados – Rio de Janeiro 1928-1949. Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Cultura. 2001. v. 3. Coleção Memória Carioca.
- FERREIRA, Izabel. **A Capoeira no Rio de Janeiro: 1890-1950.** Rio de Janeiro: Novas Idéias, 2007. Série Coleção Capoeira Viva.
- KESSEL, Carlos. **A vitrine e o espelho:** o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 2001. v. 2, Memória Carioca.
- LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. Capoeira, Boi-Bumbá e política no Brasil republicano (1889-1906). **Revista Afro-Ásia**, Salvador, n. 32, p. 241-269, 2005.
- LOPES, André Luiz Lacé. **A capoeiragem no Rio de Janeiro:** primeiro ensaio – Sinhozinho e Rudolf Hermann. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 2002.
- LUSSAC, Ricardo Martins Porto (Mestre Teco). **Desenvolvimento psicomotor fundamentado na prática da capoeira e baseado na experiência e vivência de um mestre da capoeiragem graduado em educação física.** 2004. 450 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicomotricidade)-Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2004.
- MARINHO, Inezil Penna. **A ginástica brasileira:** resumo do projeto geral. 2. ed. Brasília, DF: O Autor, 1981.
- MARINHO, Inezil Penna. **Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.
- MELO, Victor Andrade de. **Dicionário do Esporte no Brasil:** do século XIX ao início do século XX. Coleção Educação Física e Esportes. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, através da sua Coordenação de Integração Acadêmica de Pós-Graduação, 2007.
- NORONHA, Luiz. **Malandros:** notícias de um submundo distante. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. Coleção Arenas do Rio, 12.
- OFEREÇO, dedico e consagro (ODC). **Guia do capoeira ou gymnastica brasileira.** Rio de Janeiro, 1907.
- OLIVEIRA, Valdemar de. **Frevo:** capoeira e passo. Recife: Ed. de UFP, 1971.
- PASSOS NETO, Nestor Sezefredo dos (Nestor Capoeira). **Capoeira:** os fundamentos da malícia. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira na Bahia de todos os santos:** um estudo sobre a cultura e classes trabalhadoras (1890-1937). 1. ed. Tocantins: NEAB; Grafset, 2004.
- QUERINO, Manuel. **A Bahia de outrora:** vultos e fatos populares. Salvador: Livraria Progresso, 1946. v. 3. Coleção de Estudos Brasileiros, Série 1.
- QUERINO, Manuel. **Costumes africanos no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

- REIS, Letícia Vidor de Souza. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.
- ROCHA, Luiz Carlos Krummenauer. Teses que comprovam a brasilidade da capoeira. **Revista Praticando Capoeira**, São Paulo, ano 2, n. 17, p. 10-13, 2002.
- RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1932.
- RUGENDAS, Johann Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1998. v. 8. Coleção Reconquista do Brasil.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2002.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras na corte imperial 1850-1890**. 1. ed. Rio de Janeiro: Access Editora, 1999.
- TONINI, Renato Neves. **A arte pernicioso: a repressão penal aos capoeiras na república velha**. Rio de Janeiro: Lúmen, 2008.
- VIEIRA, Luiz Renato. Capoeira: tradições e identidades. **Revista Praticando Capoeira**, São Paulo, ano 3, n. 29, p. 30-31, 2005.
- VIEIRA, Luiz Renato. Notas sobre danças de combate e lutas africanas – II. **Revista Praticando Capoeira**, São Paulo, ano 2, n. 22, p. 10-11, 2003a.
- VIEIRA, Luiz Renato. Notas sobre danças de combate e lutas africanas – III. **Revista Praticando Capoeira**, São Paulo, ano 2, n. 23, p. 10-11, 2003b.
- VIEIRA, Luiz Renato. Notas sobre danças de combate e lutas africanas – IV. **Revista Praticando Capoeira**, São Paulo, ano 2, n. 24, p. 10-11, 2003c.
- VIEIRA, Luiz Renato. **O jogo de capoeira: cultura popular no Brasil**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- VIEIRA, Luiz Renato; ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 34, p. 81-121, 1998.

Recebido em 19/11/2008

Revisado em 28/01/2009

Aceito em 02/03/2009

Endereço para correspondência: Ricardo Martins Porto Lussac. Universidade Castelo Branco – PROCIMH - LABESPORTE, Avenida Salvador Allende nº 6700, Recreio dos Bandeirantes, CEP 22780-160, Rio de Janeiro-RJ. E-mail: ricardolussac@yahoo.com.br